



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Boas Práticas

Acolher jovens com necessidades especiais

Tronco do módulo/ E

1. Contexto

Instituições para jovens dos 6 meses aos 6 anos

2. Objetivos

Tendo em vista o público que se está a acolher, usaremos o termo “criança com necessidades especiais” em vez de “criança com deficiência ou doença crónica”. Na verdade, “a designação crianças com necessidades específicas aplica-se quando a intensidade das necessidades, relacionadas com a condição da criança e as suas deficiências inatas ou adquiridas, é tal que exige uma modificação quantitativa ou qualificativa dos recursos delegados à criança” (A inclusão das crianças com deficiências em ambientes de receção).

Por fim, usaremos o termo “inclusão” conforme citado nos textos oficiais europeus. “não se trata apenas de integrar as crianças com deficiência mas antes criar um ambiente de acolhimento capaz de aceitar e ter em conta as diferenças presentes em TODAS as crianças.”

(Inclusão das crianças com deficiência em ambientes de receção)

esta definição leva a uma alteração significativa do ponto de vista uma vez que é uma questão de mudar de um conceito em que a criança se deve adaptar, integrar para o oposto: a instituição deve oferecer as condições necessárias para acolher todas as crianças.

- **Esta ficha propõe os diferentes passos que se devem considerar para identificar as especificidades do acolhimento de uma criança com uma deficiência ou “uma criança com necessidades especiais”**

3. Desenvolvimento da « Boa prática »

- **Composição da equipa :**

Professor e/ou AVS (Auxiliaire de Vie Scolaire, i.e. Auxiliarda vida escolar) AES (Accompagnant Educatif et Social, i.e. Apoio Educativo e Social), Auxiliar de creche, Educador de Infância, enfermeiro com formação em cuidados infantis, etc. ...

Passo 1: Identificar os obstáculos no acolhimento da criança

Representações e emoções do pessoal:

Acolher crianças com necessidades específicas, no entender do pessoal, não é óbvio. Assim, vários autores observaram que este acolhimento depende, muitas vezes, da boa vontade de uma pessoa, mais do que de uma concepção geral baseada no facto de haver de instalações de acolhimento designadas para jovens. Uma das principais razões para a relutância a este acolhimento é quase um elemento tabu; os receios e as emoções do pessoal. Na verdade, a deficiência pode ser vista, pode causar deformações físicas, levar as crianças a terem reações incompreensíveis especialmente no caso das desordens do espectro o autismo. As crianças com doenças crónicas podem também ser afetadas ao nível do corpo. Os autores dizem que estas situações geram um sentimento de culpa, especialmente Herrou e Korff-Sausse: "somos todos culpados, os pais de o terem feito nascer, os educadores ou cuidadores de não serem capazes de o curar o de o reparar, a sociedade por não conseguir dar-lhe um lugar digno do nome. É por isso que a deficiência causa uma rejeição que pode ter as formas mais diversas.

Agressividade, mas não indiferença.
Rejeição, mas também uma falsa solicitude
Desprezo, mas também dó
Ignorância, ms também superproteção”

Num EAJE (Etablissement d’Accueil des Jeunes Enfants, i.e. facilidades de acolhimento destinadas a jovens ou ECEC, Centro de Auxílio e Educação), é necessário ter estes fatores em consideração, na verdade, todos somos confrontados com estas emoções:

Repugnância, rejeição, dó, proteção, superproteção. A acrescentar a estes receios, há ainda os elementos da nossa vida pessoal.

As questões surgem:

O que é que a criança compreende? O que é que ela entende? Estas questões referem-se ao que compõe a nossa humanidade, à nossa percepção da norma, a “como entrar em comunicação” é “normal”. As facilidades de acolhimento e os gestores devem pensar nisto para que cada membro da equipa se possa exprimir, ser ouvido e expor os seus medos e receios. Neste trabalho a longo prazo, estas reações pode ser revistas e então, levarão a uma abertura, a uma vontade da equipa de acolher “a diferença”, especialmente as crianças com necessidades especiais.

O sinal de falta de formação

Preparar antecipadamente o acolhimento como uma equipa é uma prioridade para as facilidades de acolhimento (ECEC). Na verdade, o principal obstáculo quando se acolhem crianças com necessidades especiais é o recio desta criança desconhecida. Este receio traduz-se numa necessidade de uma formação sobre deficiência. Assim, muitos profissionais acham que não têm formação para acolher estas crianças. Contudo, esta formação não é forçosamente necessária: na verdade, Há uma grande variedade de deficiências.

As diferenças entre indivíduos existem. Por exemplo, as crianças reconhecidas como autistas são diferentes no modo com se revelam. Assim, a formação sobre a deficiência não consegue abranger toda esta diversidade.

Por outro lado, trabalhar antecipadamente as representações individuais, os receios, mas também como cada profissional pode exprimir as suas possibilidades ou impossibilidades é bastante importante.

Na verdade, algumas doenças levam o profissional a recear fazer mal, ou mesmo a magoar. Isto acontece regularmente com crianças que são acolhidas e que comem por gastrostomia, por exemplo.

Assim, aqui a formação é relevante para:

- juntar a atuação dos profissionais, especialmente durante as reuniões de equipa, com uma pessoa exterior;
- oferecer a cada profissional, independentemente da sua qualificação e estatuto, formação sobre o desenvolvimento inicial da infância, em trabalho de observação;
- tranquilizar os profissionais com base nas suas ferramentas profissionais: capacidade para descodificar a linguagem não verbal através da observação, capacidade baseada no que a criança revela (e não um conhecimento sobre a deficiência, por exemplo) para se ajustar ao seu verdadeiro desenvolvimento (psicopedagogia);
- acompanhar os profissionais da instituição de uma forma personalizada ao acolherem essa criança com necessidades especiais. Neste caso, as parcerias com as instituições médico-sociais ajudarão a informar os profissionais sobre como acolher uma criança específica de um modo simples e adaptado.

Passo 2: mudar o modo com as pessoas vêem estas crianças:

"uma rapariga, com uma deformação no rosto, aproxima-se de um rapazinho atrás de um camião. A rapariga esboça um movimento com a perna para mostrar que ela também se quer sentar no camião. O rapaz diz-lhe: "tens o nariz cortado!", enquanto arranja um lugar atrás dele. E ambos atravessam a sala.

Esta observação foi trazida pelos autores do livro Integração coletiva das crianças com deficiência. E eles continuam:

“Paul exprimiu-se sem uma ansiedade aparente perante a diferença de Sabine. Isto é uma anomalia para ele? Nada nos pode assegurar isso. Parece mais ser uma descoberta de uma particularidade sem ansiedade. Isto não faz com que ele não adopte como companheira da brincadeira. Nenhum adulto teria a a reação direta e franca do Paul, porque a deformação do rosto da Sabine leva à nossa mais perturbada imaginação.

Ao contrário das crianças, os adultos antecipam o futuro e imaginam para esta criança o fardo dos obstáculos do presente e do futuro que a sua deficiência inevitavelmente trará. A visão deste rosto, para o adulto, sinónimo de uma possível rejeição, primeiro da sua rejeição, mas também, em projeção, a dos outros e da sociedade em geral.

É por isso que os adultos não verbalizam de forma espontânea a sua impressão como fez o Paul, porque este menino de dois anos e meio só vê uma diferença que ele nomeia sem preconceito. “co esta citação percebemos que o que pode ser uma especificidade é mais a responsabilidade das nossas representações sobre a diferença, o que quer que isso seja. No entanto, pode haver, na verdade, uma necessidade para uma adaptação ao coletivo, das práticas dos profissionais ao acolherem uma criança com necessidades específicas.

Os profissionais que estão acostumados a trabalhar com crianças com necessidades especiais, dizem que: primeiro e principalmente, as crianças devem ser consideradas pelo que são, acima de tudo crianças.

É necessário conhecerem outras crianças, outros adultos, só o universo da sua família não constitui o seu meio.

Passo 3: Pensar em práticas de acolhimento

Assim como com qualquer criança, os profissionais da primeira infância têm um papel nas crianças pequenas. Num contexto favorável, a criança irá desenvolver (ou/e estabilizar) as competências sensoriais, motoras, de linguagem, mas também a sua capacidade de adaptação.

Todas estas dimensões estão interligadas e cada uma delas exige o envolvimento dos outros. Contudo, a missão do ECEC não é curar a criança ou melhorá-la. O ECEC deve ser um local onde a criança passa o tempo, independentemente do seu progresso ou desempenho enquanto está num ambiente que cuida dela.

Para fazer isto basta atualizar o projeto educativo, ou favorecer a comunicação com a criança, ou promover a separação e a reunião, ou ter em conta o indivíduo no coletivo e promover apoios para o relacionamento.

Atualizar o projeto educativo:

Incluir uma reflexão na atualização do projeto educativo, com vista a colher todas as crianças, qualquer que ela possa ser, envolve trabalho feito por toda a equipa. Na verdade, para as famílias com integração social ou com dificuldades, é necessário estar particularmente atento sobre a sua permanência:

A permanência dos pais para uma qualidade na transmissão, em especial. A institucionalização de uma pessoa referenciada para a criança e para a sua família exige uma permanência ainda mais eficaz. Isto evita uma repetição para a família das dificuldades que pode encontrar.

Para cada criança, a disposição do espaço, o equipamento disponíveis para ela. Uma reflexão educativa pode ser trabalhada para promover esta inclusão.

Favorecer a comunicação com a criança:

Para os profissionais, o tema da comunicação com a criança pode ser fulcral porque é complexo.

Algumas crianças não olham direito para os olhos, podem não ter uma expressão facial que permita ler as suas emoções (sorriso, caretas...), podem não responder diretamente às solicitações do profissional. É por isso, que uma observação cuidadosa é necessária para tentar dar um sentido: quais são os seus gestos, posturas ou expressões faciais para mostrar o seu consentimento ou a sua recusa?

Quais são as suas competências motoras? Como lidar com ela? O que é que ela compreende? É importante ter em mente que este trabalho de observação é verdadeiro para todas as crianças, é uma ferramenta que deve ser desenvolvida.

Muitos autores discutem a observação na prática profissional (E. Bick, W. R. Bion, E. Pikler; cf.

Acompanhar a criança na construção da sua identidade e a compreender a alteridade.

Maryse Hendrix, e A inclusão das crianças com deficiência em cenários da primeira infância, diz de uma forma mais específica: "A comunicação com a criança com deficiência colocará certamente os profissionais da primeira infância, por vezes, em situações difíceis. No entanto as suas competências específicas são uma mais valia: mais do que os outros trabalhadores, eles superam-nos ao descodificarem as necessidades expressas na fala. Com isto, eles, sem se aperceberem, possuem um conhecimento na área da deficiência."

De salientar:

Estão disponíveis ferramentas interessantes na área da comunicação: Makaton, em francês (www.makaton.fr). Estas formas de comunicação são interessantes porque se dirigem a todos sem distinção. Muitos ECECs que as utilizam exprimem um grande apreço por elas no que diz respeito à primeira infância, pelas vantagens e descoberta de potencialidades que não imaginavam. Por exemplo, uma escola formou um léxico de 20 palavras em língua gestual.

Encorajar a separação e a reunião:

A criança com necessidades especiais, também poder beneficiar do cuidado extra-família.

Na verdade, a separação, quer dizer saber como sair, voltar encontrar outra vez é importante para a criança e para os seus pais, especialmente para a sua figura de ligação.

Assim, estas crianças e as suas famílias vivem muitas vezes confinadas à família, permitir-lhes uma abertura é a missão da ECEC.

Considerar o indivíduo no coletivo:

Trabalhar nas ECECs inclui um aspeto coletivo mas também uma necessidade de considerar o indivíduo no coletivo. Aqui, criar pequenos grupos de crianças, desenvolver as condições para brincar que promovem as relações entre as crianças, ter empatia também será necessário.

Refletir sobre a distribuição das crianças: acolhê-las numa secção de acordo com o nível de desenvolvimento? Tal com a disposição do local, pense nos momentos de transição. Mas isto não é já o trabalho das ECECs?

De salientar:

De acordo com Herrou and Korff-Sausse, em Cintegração coletiva das crianças com deficiências (pp. 22-23) "normalmente, a integração é feita numa base individual, quer dizer, significa acolher uma única criança com deficiência num grupo de crianças normais. A pesquisa sobre a integração da criança deficiente na creche e jardim de infância [...] destaca a solidão da criança com deficiência integrada no grupo. [...] nesta situação, a criança não conhece outra criança como ela [...]. esta é uma situação difícil de gerir: sozinha, "não é como os outros" [...] é por isso que acreditamos que podemos falar da verdadeira integração só na sua forma coletiva, nomeadamente da recepção simultânea de várias crianças com várias deficiências num grupo de crianças válidas..."

Promover apoios para a relação:

- Apoios diários: sons, canções, canções infantis, instrumentos musicais, bater...competências motoras...
- Apoios mais específicos que são enriquecedores para todos:
 - livros para tocar: website Os dedos que sonham(Les doigts qui rêvent, www.ldqr.org);
 - Livros para "ler no escuro": Benjamins Media website (www.benjamins-media.org);
 - A instituição pode ser enriquecida com um espaço para a exploração sensorial tal como Snoezelen, planeada para lares de reformados (www.petrarque.fr/maisons-de-retraite/snoezelen.html), adaptável em muitos sítios com poucos meios;
 - material co alfinetes;
 - As ideias podem surgir a partir de catálogos especializados como Hoptoys (www.hoptoys.fr).

Mas atenção, isto não envolve "cair" no ativismo. Para algumas crianças com necessidades especiais, o estímulo pode ser necessário. O que importa é a qualidade da presença. Estar lá, colocar-se no grupo, responder aos convites das crianças para brincar ou falar.

Passo 4: Identificar as ferramentas específicas para o acolhimento

Para organizar um projeto individual de acolhimento (PAI, i.e. Plan d'Accueil Individualisé), como por exemplo em França, os profissionais têm que agir em conformidade com o projeto personalizado de acolhimento estabelecido entre a família e a instituição, conforme a circular n° 2003-135 de 8 de setembro de 2003, relativa ao acolhimento na comunidade de crianças com perturbações de saúde: "um projeto individualizado de acolhimento (PAI) é organizado para uma criança que sofre de doença crónica, alergias ou intolerância alimentar, ser acolhida na comunidade. Isto é, especialmente, o caso que se aplica a uma criança que frequenta uma creche ou um centro de dia, uma escola, um colégio, uma escola secundária ou um centro de férias ou de lazer."

Identificar o apoio financeiro existente para acolher as crianças num contexto de eficiência

Identificar parcerias

As parcerias podem ser formadas para acompanhar as crianças com necessidades especiais.

Evitar os erros

Pensar em termos de "deficit(s)", ou "falta(s)" implica, implicitamente, para o profissional um desejo de preencher as falhas. Ao fazê-lo, a autonomia da criança pode ser limitada com demasiada antecipação do profissional, que não lhe dá espaço para agir. Isto pode ter o efeito de considerar a criança apenas pelas suas particularidades e não como uma criança em primeiro lugar. O trabalho de equipa, a prática de trabalho de análise, um tempo para regular deve permitir a elaboração de um

pensamento que não nega a realidade da criança mas que pode considerar um acompanhamento de bons tratos

Exemplo:

Eu sou diretor de uma ECEC, vamos acolher uma criança com necessidades especiais pela primeira vez. Um elemento da equipa pergunta: como é que a criança se manifesta perante os outros?

Que autonomia tem?

Será agora, ou sempre que uma criança chega a uma ECEC, a altura da observação por uma pessoa de referência. Com o tempo, ela poderá ajudar a responder a estas questões ao desenvolver um conhecimento detalhado da criança. O profissional, com a sua preocupação de acolher bem a criança, pode querer antecipar a sua chegada. Contudo, isto não é sempre desejável porque o risco é ver a criança através do que se dirá e não através da observação desta criança em particular e do que ela faz.

Bibliografia

- Collectif, L'inclusion des enfants ayant des besoins spécifiques, VBJK, Gand, 2010
- Collectif, L'inclusion des enfants en situation de handicap dans les milieux d'accueil de la petite enfance, - Guide de formation à l'attention des professionnels de la petite enfance 0-3 ans, FILE asbl, mars 2013, à télécharger sur le site de FILE asbl
- Cour des comptes, « L'accueil des enfants de moins de 3 ans », novembre 2013 : rapport consacré à la politique d'accueil des enfants de moins de 3 ans, à télécharger sur le site de la Cour des comptes
- Comité interministériel du Handicap, « Handicap : Le défi de l'égalité », Relevé de décisions, 25 septembre 2013, à télécharger sur le site du ministère des Affaires sociales et de la Santé
- « Développer l'accueil des enfants en situation de handicap dans les structures petite enfance », Chorum, février 2012
- C. Herrou, S. Korff-Sausse, L'intégration collective de jeunes enfants handicapés, Éditions Erès, 2007